

## **Julumânia / Juromenha,**

- memórias do período hispano-árabe (713-1230) -

**António Rei**

Investigador do IEM – UNL

Bolseiro da FCT

### **I - Introdução**

Juromenha foi, sempre, uma fortaleza de grande valor estratégico, na defesa da linha do Guadiana.

É sintomático, portanto, que, mesmo durante o período hispano-árabe, a maior parte das referências a este castelo seja proveniente dos períodos conturbados e conflituosos, e não daqueles em que predominou a paz; o seu papel tornava-se mais importante quando a argumentação da força substituía a força da argumentação.

De qualquer forma, pretendemos neste trabalho fazer um ponto de situação relativamente a Juromenha, trazendo ao conhecimento geral a figura de um letrado hispano-árabe do século XI d.C., natural de Juromenha.

### **II – A chegada do Islão**

A chegada do Islão a estas paragens ter-se-á dado entre 93 h. / 712 d.C. (ano da rendição de Mérida), e 95 h. / 714 d.C. (ano da capitulação de Évora), atendendo à localização de Juromenha que se situa praticamente a meio caminho entre estas duas cidades <sup>1</sup>.

Não se sabe se teria existido anteriormente, neste local, uma outra estrutura militar. Sabe-se no entanto que terão existido outras estruturas, tudo aponta para que ao menos aí tivesse existido uma igreja, isto a partir dos elementos estruturais visigóticos que se encontram incorporados numa das torres do castelo, e dos quais o principal é um

---

<sup>1</sup> V. estas datas e respectivo conjunto de factos a eles relativos em António Rei, “ Cronologia do Gharb al-Andalus” in [www.fcsh.unl/iem/cronologias](http://www.fcsh.unl/iem/cronologias).

*pé-de-altar* 2.

Com castelo ou sem ele, esta região viveu entre aquelas datas e os últimos anos do século VIII em paz, e com uma autonomia pactuada entre as elites locais moçárabes e as autoridades islâmicas. Tal facto ocorreu devido à inexistência de resistência armada ante as novas forças islâmicas em presença.

### III – Juromenha e as autonomias *muladis*

Apenas a partir do Século III h. / IX d.C., mais precisamente na segunda metade dessa centúria, quando eclodiram as chamadas “*revoltas muladis*”, esta região começou a originar notícias que acabaram por aparecer nos textos árabes, falando concretamente, da fortaleza de Juromenha.

A razão que levou a tais notícias, foi a cada vez maior contestação social protagonizada pelos *muladis*, e que acabou, mais tarde, por conduzir à autonomia política de grande parte do Gharb al-Andalus, o qual foi repartido e governado por várias dinastias de senhores *muladis* durante cerca de seis décadas, entre 868 e 930.

Mas, quem eram os *muladis* ? Eram os neo-muçulmanos de origem romano-visigoda, e que estavam sendo relegados, na estrutura social islâmica, para situações mais ou menos marginais a despeito de serem numericamente maioritários e de, como tal, contribuírem decisivamente para a vivência social e para a pujança económica de al-Andalus.

Começara a haver sinais de contestação já na década de 20 do século IX, em Mérida<sup>3</sup>, e foi a partir da década de 60 que, significativamente naquela mesma cidade, se constata o surgimento dos movimentos de autonomia.

Essas autonomias, na zona ocidental da Península, prolongaram-se entre 257 / 868 e 318 / 930<sup>4</sup>, e o seu principal esteio foi a dinastia muladi dos *Banû Marwân al-Jilliqî*, que se assenhoreou, directamente de uma vasta área do ocidente peninsular, e também indirectamente, ao estender o seu poder ou protecção sobre vários senhores que lhes reconheciam a autoridade. Entre uma e outra, era um espaço que cobriria o espaço aproximado do actual sul de Portugal entre a Serra da Estrela e o mar a sul e ainda uma boa parte da actual Extremadura espenhola.

---

2 V. Fernando Branco Correia e Christophe Picard, “Intervenção Arqueológica no Castelo de Juromenha. Primeiros resultados”, in *Arqueologia Medieval* 1 (1992), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 71-91.

<sup>3</sup>Maria Ángeles Pérez Álvarez, *Fuentes Arabes de Extremadura*, Cáceres, Universidad de Extremadura, 1992, pp.139-41.

<sup>4</sup>*Idem*, p.193.

Durante todo esse período a autoridade do Emir de Córdoba pouco mais seria que nominal, reduzindo-se à simples menção formal do nome do Emir nas orações de sexta-feira, o dia santo da semana entre os muçulmanos.

O mais famoso da família dos *Banû Marwân*, foi o primeiro Senhor, e também fundador de Badajoz, ‘Abd al-Rahmân ibn Marwân al-Jilliqî, o qual fora o primeiro encabeçar a contestação aberta à autoridade do Emir cordovês. Era, pode dizer-se, uma quase tradição familiar, pois ele era filho do governador *muladi* de Mérida na década de 30, por altura das quando começaram as primeiras contestações.

Em Badajoz assentará a sua dinastia e o seu poder, que se prolongarão ambas até aos finais do primeiro terço do século X<sup>5</sup>.

Será nesta fase de rebelião e de autonomia *muladi* que surgirá, pela primeira vez, uma referência a Juromenha.

Entre os partidários da primeira hora de Ibn Marwân al-Jilliqî esteve um outro *muladi*, chamado Makhûl ibn ‘Umar, e em relação ao qual se sabe ter sido senhor de Juromenha, entre 257 h. / 868 d.C. e 262 h. / 875 d.C. <sup>6</sup>. Não se sabe se ele também seria originário desta mesma região, mas é possível que o fosse.

O protagonismo castrense de Juromenha durante a fase de rebelião, sob o domínio de Makhûl, terá atingido o seu ponto alto no ano de 261 h. / 874 d.C.

Nesse ano, esta fortaleza foi entendida como tratando-se do foco principal da revolta, e o local onde se reuniam mais rebeldes. Essa concentração aconteceu após o regresso de Sa‘dûn al-Shurumbâqî, outro chefe *muladi*, quando este último, vindo das zonas de fronteira do Norte cristão, onde se tinha refugiado, se acolheu a esta mesma fortaleza, junto de Makhûl ibn ‘Umar.

A leitura, por parte de alguns partidários do poder cordovês, da importância estratégica de Juromenha dentro da rebelião no Ocidente peninsular, fez com que o Emir Muhammad I de Córdoba, ao deslocar-se com o seu exército em direcção ao Ocidente, no intuito de acabar com a revolta, tivesse querido atacar primeiramente Juromenha e não Alanje (*Qal‘at al-Hansh* > Fortaleza da Serpente), uma outra fortaleza próxima de Badajoz, e onde então se encontrava ‘Abd al-Rahmân ibn Marwân e mais

---

<sup>5</sup>*Ibidem*. Sobre todo este período, sobre os Banû Marwân e os seus “vassalos”, ver ainda Adel SIDARUS, “O Alentejo durante a Grande Dissidência Luso-Muçulmana do Século IX/X”, *Actas do Encontro Regional de História «Nós e a História»*, Univ.de Évora, 1990, p.31-43; IDEM, “A Amaia de Ibn Maruán - Marvão”, *Ibn Maruán*, nº1, Câmara Municipal de Marvão, 1991, p.13-26; IDEM, “Um Texto Árabe do Século X relativo à nova Fundação de Évora e aos Movimentos Muladi e Berbere no Ocidente Andaluz”, *A Cidade de Évora*, nºs 71-76, Câmara Municipal de Évora, 1988-1993, p.7-37.

<sup>6</sup>IBN HAYYÂN, *Al-Muqtabis*, ed.Makkî, Beirute, 1973, pp.321-2; 344-8; 355 e 357ss.

alguns dos seus seguidores mais próximos.

Só após insistências dos seus conselheiros militares, que precisamente temeriam o número de homens acolhidos em Juromenha, é que o Emir desistiu daquele primeiro desiderato e acabou indo cercar Alanje, por ser esta considerada uma praça mais acessível do que Juromenha<sup>7</sup>.

Após 262 h. / 875 d.C., com o desaparecimento de Makhûl ibn ‘Umar <sup>8</sup>, estes territórios passaram a integrar os domínios dos Banu Marwân. Desde esse momento as praças de Juromenha e Terena não mais deixarão de estar associada a Badajoz, como praças do seu anel defensivo, até à “Reconquista” cristã.

Apenas em 318 h. / 930 d.C., ‘Abd al-Rahmân III, o primeiro monarca de Córdova que usou o título de Califa, e que como tal se intitulou *al-Nâsir li Dîni-llâh (O Protector Vitorioso da Religião Divina)*, acabou por submeter finalmente o último senhor autónomo de Badajoz, e dessa forma deu fim a estas autonomias e à dinastia dos Banû Marwân<sup>9</sup>.

#### **IV – Juromenha durante o Califado**

Depois disto, esta região durante cerca 80 anos, até 400 h. / 1009 d.C., passou por um período de paz interna, como aliás todo o al-Andalus .

Em 337 h. / 948 d.C. o viajante e geógrafo oriental Ibn Hawqal, que viajou pela Península Ibérica, referiu Juromenha na sua obra *Kitâb Sûrat al-Ard, (Livro da Imagem da Terra)* situando-a a 7 dias de viagem desde Santarém, a 2 dias de Aviz, a 1 de Elvas e a 2 de Badajoz<sup>10</sup>.

É muito interessante e bastante significativa esta referência a Juromenha, e que nos refere a sua importância geográfica, viária e eventualmente estratégica (esta última muito possivelmente conquistada durante o anterior período *muladi*), e enquanto uma das fortalezas do aro defensivo de Badajoz, pois aquele viajante, que é entendido como tendo sido um possível espião dos Fatímidas do Cairo<sup>11</sup>, foi o único geógrafo que a referiu num contexto não-bélico, desde então até aos meados do séc. VII h. / XIII d.C.

---

<sup>7</sup>*Idem*, p.349-50.

<sup>8</sup>IBN HAYYÂN, *Al-Muqtabis*, ed.Makkî, p.372-3.

<sup>9</sup>IDEM, *Al-Muqtabis V*, ed. Chalmeta, Madrid/Rabat, 1979, p.271-2; trad.espanhola M<sup>a</sup>. Jesús Viguera e F.Corriente, *Crónica del Califa Abd al-Rahman III*, Saragoça, 1981, p.205.

<sup>10</sup>IBN HAWQAL, *Kitâb Sûrat al-Ard*, ed.J.H.Kramers, *BGA II*, Leyden, E.J.Brill, 1967, p.115; trad.espanhola M<sup>a</sup>. José Romany Suay, *Configuración del Mundo*, Valência, 1971, p.15 e 68.

<sup>11</sup>André MIQUEL, “Ibn Hawkal”, *Encyclopédie de l’Islam*, 2<sup>a</sup> ed. (E.I.<sup>2</sup>), Leyden-Paris, Brill-Maisonneuve, 1960ss, t.III, p.810-1.

A partir de 400 h. / 1009 d.C. instala-se em al-Andalus a desordem ( *al-fitna al-kubrâ* ): o Califado entra em colapso, e a unidade territorial perde-se, havendo a desintegração do espaço antes submetido ao Califa, em inúmeros pequenos estados, dependentes de senhores locais e / ou regionais, e que ficaram conhecidos como os “reinos de taifas”<sup>12</sup>.

### V – Juromenha na Taifa de Badajoz e sob os Almorávidas

O Reino de Taifa de Badajoz, onde reinou a dinastia dos Banû l-Aftas, dominou grande parte do Ocidente Peninsular, e Juromenha fez parte desse reino<sup>13</sup>.

Durante as Taifas, Juromenha defendeu Badajoz dos ataques dos exércitos da Taifa de Sevilha, em 442 e 43 h. / 1050-1 d.C.<sup>14</sup>.

E anos mais tarde, em 461 e 62 / 1068-69, terá tido também participação castrense, na luta fratricida que envolveu dois irmãos, Yahyâ e ‘Umar, que disputavam o trono que fora de seu pai, e que dominavam respectivamente Badajoz e Évora, as duas principais cidades do reino<sup>15</sup>.

Esse reino durou até 489 h. / 1095 d.C., quando os Almorávidas, movimento reformista berbere vindo do Norte de África, se assenhoreou de al-Andalus, terminaram com os vários reinos e unificaram o espaço islâmico peninsular, transformando-o numa região dependente do seu império norte-africano. O último rei de Badajoz e os seus filhos foram executados pelos almorávidas naquele mesmo ano<sup>16</sup>.

---

<sup>12</sup>Sobre as Taifas, ver D.J.WASSERSTEIN, “Mulûk al-Tawâ’if -II”, *E.I.*<sup>2</sup>, t.VII, p.552-5.

<sup>13</sup>Sobre a Taifa de Badajoz: Manuel TERRÓN ALBARRAN, *El Solar de los Aftásidas*, Badajoz, 1971; IDEM, “Aproximación a la Prosopografía del Reino Taifa de Badajoz: las Badajoz, 1971; IDEM, “Aproximación a la Prosopografía del Reino Taifa de Badajoz: las Fronteras y el Territorio”, *Bataliús I*, Madrid, Letrúmero, 1996, p.233-56; Juan António PACHECO PANIAGUA, “La Taifa de Badajoz en los Geógrafos Árabes”, *Bataliús I*, p.201-7; E. LÉVI-PROVENÇAL, “Aftasides (Banû l-Aftas)”, *E.I.*<sup>2</sup>, t.I, p.249-50; H.R.IDRIS, “Les Aftasides de Badajoz”, *Al-Andalus XXX* (1965), p.277-90. Embora não directamente tratando a dinastia dos Aftássidas, v. ainda o recente estudo de António REI, “Os Rostos do Poder na Lisboa das Taifas (1009-1093). Novas leituras”, in *Lisboa Medieval. Os Rostos da Cidade*, Lisboa, Horizonte, 2007, pp. 60-70.

<sup>14</sup>Sobre os conflitos entre os Banû ‘Abbâd, de Sevilha, e os Banû al-Aftas, de Badajoz, cf.E. LÉVI-PROVENÇAL, “Aftasides (Banû l-Aftas)”, *E.I.*<sup>2</sup>, t.I, p.249-50; IDEM, “Abbâdides (Banû ‘Abbâd)”, *E.I.*<sup>2</sup>, t.I, p. 5-7; H.R.IDRIS, “Les Aftasides de Badajoz”, *Al-Andalus XXX* (1965), p.277-90; A.Borges COELHO, *Portugal na Espanha Árabe*, 2ªed., Lisboa, Caminho, 2 vols., 1989, vol.2, pp.213-4; António REI, “Os Rostos do Poder na Lisboa das Taifas (1009-1093). Novas leituras”, in *Lisboa Medieval. Os Rostos da Cidade*, Lisboa, Horizonte, 2007, pp. 60-70..

<sup>15</sup>Cf. n. anterior, especialmente as três últimas obras.

<sup>16</sup>*Ibidem*: *E.I.*<sup>2</sup>, p.250; IDRIS, p.289; António REI, “Os Rostos do Poder na Lisboa das Taifas (1009-1093). Novas leituras”, in *Lisboa Medieval. Os Rostos da Cidade*, Lisboa, Horizonte, 2007, pp. 60-70..

## VI – Juromenha nas 2as. Taifas e sob os Almóadas

No final do período almorávida, já em meados do século VI h. / XII d.C., começam na Península a fazer-se sentir sintomas de instabilidade social. É a partir do ocidente peninsular que vai deflagrar e expandir-se a revolta contra os Almorávidas. Essa revolta, *sui generis*, será chefiada por um chefe *sufi* (místico muçulmano) originário de Silves, chamado Ahmad ibn Qâsî<sup>17</sup>.

Um dos partidários iniciais daquele Ibn Qâsî, chamado Abû Muhammad Sidray ibn Wazîr, senhor de Évora, veio mais tarde a abandoná-lo, e a constituir o seu próprio domínio, conquistando, em 541 h. / 1145 d.C., a cidade de Badajoz e seu espaço envolvente, no qual estava, naturalmente, integrada a povoação fortificada de Juromenha<sup>18</sup>.

Este domínio sobre Badajoz e zonas circumvizinhas por parte de Ibn Wazîr prolongou-se apenas até 543 h. / 1147 d.C., quando Muhammad ibn ‘Alî ibn al-Hajjâm, se alçou com o poder nesta cidade e região. E aí se manteve até a 547 h. / 1151 d.C.<sup>19</sup>.

Entre 547 h. / 1151 d.C. e 552 h. / 1156 d.C., os Almóadas, novo movimento reformista religioso vindo do Magrebe, iniciaram uma nova reunificação político-militar do espaço islâmico Peninsular<sup>20</sup>.

Mas em 564 h. / 1167 d.C., com a chamada “Reconquista” já a sul do Tejo, e cerca de um ano ou dois depois da tomada de Évora, Geraldo, o Sem-Pavor, conquista pela primeira vez Juromenha para as armas cristãs<sup>21</sup>.

Três anos mais tarde, em 567 h. / 1170 d.C., o governador almóada de Sevilha, Sayyid Abû Sa’îd, reconquista Juromenha para as armas islâmicas, mas resolve arrasar esta fortaleza, antes de regressar a Sevilha<sup>22</sup>.

---

<sup>17</sup>Sobre Ibn Qâsî, ver Adel SIDARUS, “Novas Perspectivas sobre o Gharb al-Andalus no tempo de D.Afonso Henriques”, *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães*, Câmara Municipal de Guimarães / Univ.do Minho, 1997, pp.247-68. Cf. a Bibliografia e o Quadro Cronológico no final do estudo.

<sup>18</sup>Sobre os Banû Wazîr, ver Abdallah KHAWLÍ, “La famille des Banû Wazîr dans le Garb d’al-Andalus aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles”, *Arqueologia Medieval* nº5, Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, 1997, pp. 103-15.

<sup>19</sup>*Idem*, p. 107.

<sup>20</sup>A.Borges COELHO, *Portugal na Espanha Árabe*, vol.2, p.41.

<sup>21</sup>Sobre Geraldo o Sem-Pavor, ver o mais recente estudo sobre esta figura polémica de chefe militar de fronteira, de Armando de Sousa PEREIRA, *Geraldo Sem Pavor. Um guerreiro de fronteira entre cristãos de muçulmanos, c. 1162-1176*, Porto, Fronteira do Caos, 2008; ver os títulos da respectiva Bibliografia, em especial Eva LAPIEDRA, “Giraldo Sem Pavor, Alfonso Enríquez y los Almohades”, *Bataliús I*, p.147-58.

<sup>22</sup>David LOPES, “O Cid Português - Geraldo Sempavor”, *Rev. Portuguesa de História*, I (1940), pp. 93 - 111, pp. 96 -98.

A posterior reconstrução, caso não tenha sido antes, poderá ter ocorrido por alturas das investidas no Gharb levadas a cabo pelo califa almóada Abû Ya‘qûb Yûsuf durante os anos de 582 e 83 h. / 1184 e 85 d.C.<sup>23</sup>.

A doação *a priori* da fortaleza de Juromenha à Ordem de Évora / Avis por D. Sancho I, apenas dois anos depois destas investidas, em 585 h. / 1187 d.C.<sup>24</sup>, não estará desligada desta reactivação militar.

## VII – Juromenha, *ribat* de fronteira

Juromenha, constituía-se a partir deste período, como uma clara fortaleza de fronteira, onde se sediou um *ribât* (ou arrábida) vem a tornar-se numa *zâwiya* (azóia) ou: local cuja defesa está entregue a muçulmanos voluntários que repartem o seu tempo entre as actividades bélicas e as práticas espirituais<sup>25</sup>.

Shaykh al-Akbar Ibn al-‘Arabî, o maior e mais famoso dos místicos do Islão, e que também era de origem peninsular, mais precisamente de Murcia, nas suas obras *Rûh al-Quds* e *Durrât al-Fakhirat* deixou referido o nome de um *sufi* que veio para a guerra na fronteira em finais do século VI h. / XII d.C ou inícios do VI h. / XIII d.C., para o castelo de Juromenha.

Aqui esteve na guerra, e aqui terá morrido mártir (*shahîd*), conseguindo o seu desiderato.

Chamava-se Abû-l-‘Abbâs Ahmad ibn Hammam, também conhecido como ash-Shaqqâq. Esta notícia é atribuível ao ano de 600 h. / 1203 d.C.<sup>26</sup>.

É possível que alguns, senão todos, os edifícios tipo *qubba* que existem no actual Concelho do Alandroal, onde já foram inventariados sete, possam ter tido a sua origem durante este último período, em que as preocupações espirituais e militares iam a par. Teriam assim uma dupla função, num caso, de natureza espiritual, funcionariam como retiros; noutro, pela sua posição estratégica, eram, por vezes, também excelentes postos

---

<sup>23</sup>A. Borges COELHO, *Portugal na Espanha Árabe*, vol.2, p.41.

<sup>24</sup> Doação *a priori*, pois ocorreu 43 anos antes de ser conquistada. Sobre esta doação ver Ruy Pinto de AZEVEDO, *Os Primórdios da Ordem Militar de Évora*, Sept<sup>a</sup> Boletim da Junta Distrital de Évora n<sup>o</sup>8, 1969, p.3-20, p.16.

<sup>25</sup>Sobre locais, no espaço português, que serviram como arrábidas ou azóias, ver José Pires GONÇALVES, “As «Arrábidas» de Mértola e Juromenha”, *Anais da Academia Portuguesa de História*, 2<sup>a</sup> série, vol. 27 (1981), p.9 - 40; e António REI, “O Castelo de Valongo - Estudos Métrico-Construtivo e Histórico-Espacial”, *A Cidade de Évora* n<sup>o</sup> 5, 2<sup>a</sup> série, Câmara Municipal de Évora, no prelo.

<sup>26</sup>IBN AL-‘ARABÎ, *Rûh al-Quds wa Durrât al-Fakhîra*, trad. R.W.Austin, trad. franc. R. Deladrière, Paris, Sindbad, 1979, p.140-1.

de vigia e de controle viário<sup>27</sup>.

Em 628 h. / 1230 d.C. , dá-se a segunda e última conquista de Juromenha, no reinado de Sancho II, o Capelo<sup>28</sup>.

### VIII – Juromenha e a cultura letrada hispano-árabe

A cultura erudita islamo-árabe em al-Andalus não floresceu apenas, nem foi monopólio exclusivo dos grandes centros urbanos, como Córdoba, Sevilha ou Granada.

Mesmo em cidades de tamanho médio, como por exemplo, para o espaço hoje português, Silves, Beja, Évora, Lisboa e Santarém, houve uma significativa presença cultural<sup>29</sup>.

Mas essa dinâmica foi tão poderosa que mesmo algumas pequenas localidades não escaparam a ela, antes nela se integraram e também nelas surgiram vultos das letras hispano-árabes.

Temos neste último caso a própria Juromenha, que pouco mais seria que uma fortaleza guarnecendo a linha do médio Guadiana. Pois também aí foi detectada a presença de um letrado andalusi, dela natural.

Esta presença constata-se na antologia literária de Ibn Sa'îd, *al-Mughrib fi hulâ al-Maghrîb*, e vai ser esta a nossa fonte principal<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup>Sobre as *qubba/s* e as problemáticas que envolvem os edifícios de tipo religioso com origem ou influência islâmica, ver: José Pires GONÇALVES, *A Cuba de Monsaraz, Septª A Cidade de Évora* n.º 47 (1964), pp. 9-27; IDEM, “Um monumento árabe no arrabalde de Alcântara”, *Palavra* (1979), pp. 5 e 7; IDEM, “As «Arrábidas» de Mértola e Juromenha”, *Anais da Acad. Portuguesa da História*, II série, vol.27 (1981), pp. 9-40; IDEM, “Um Oratório Muçulmano do Tipo Morábito no Termo de Terena”, *Palavra* n.º 193 (1983), pp. 1 e 13-16; Artur Goulart de Melo BORGES, “As *Kubbas* Alentejanas. Monumentos de origem ou influência muçulmana no Distrito de Évora”, *Actas do Congresso sobre o Alentejo*, Beja, Associação de Municípios do Distrito de Beja, 1985, vol.I, p.98-109; Rui CARRETEIRO, «*Cubas*» no Alentejo - *Trabalho de Levantamento no Distrito de Évora: concelhos de Alandroal, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Mourão, Portel e Viana do Alentejo*, III vols., Univ.de Évora, 1997, Trabalho Final do Curso de História (Património Cultural), policopiado, vol. I - levantamento topográfico e tipológico; vols. II e III - levantamento fotográfico.

<sup>28</sup>A. Borges COELHO, *Portugal na Espanha Árabe*, vol.2, p.42.

<sup>29</sup>Adalberto Alves, *O Meu Coração é Árabe*, 2ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 1991, p.22.

<sup>30</sup>Ibn Sa'îd, *al-Mughrib fi hulâ al-Maghrîb*, 2 vols., ed. Shawqî Dayf, Cairo, Dâr al-Maaref, 1964, Juromenha > p. 378. Já explorámos esta mesma fonte árabe, em vários trabalhos sobre esta região (A. Rei, “Terena, 1230-1482. Questões topográficas e toponímicas”, *Callipole - Rev. Municipal de Cultura* n.ºs 7-8 (2000), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp. 13-21; Idem, “Os Castelos entre o Odialuiciez e o Odiana (713-1298)”, *Actas dos Colóquios «Castelo do Alandroal - VII Séculos, 1298/1998»*, Junta de Freguesia de N.ª. Sr.ª da Conceição do Alandroal, 2001, pp. 9-22; Idem, “Os Riba de Vizela, Senhores de Terena (1259-1312)”, *Callipole - Rev. Municipal de Cultura* n.º 9 (2001), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp. 13-22; Idem, “A fronteira no Sudoeste Peninsular (1234-1242) - novas visões da «Reconquista» a partir do «al-Mughrib...» de Ibn Sa'îd de Granada”, *Arqueologia Medieval* n.º 8 (2003), Mértola/ Porto, CAM/ Afrontamento, pp. 29-41; Idem, “As Revoltas Mudéjares no ‘Algarbe’ ibérico em meados do século XIII e a divisa dos Násridas de Granada na zona do Médio Guadiana”, *Callipole - Rev. Municipal de Cultura* n.ºs 10-11 (2002-03), Câmara Municipal de Vila Viçosa, pp.19-26),



Há uma muito recente tradução parcial espanhola daquela obra e respectivo estudo complementar, da parte do *al-Mughrib* respeitante ao “Reino de Badajoz”, espaço em que Juromenha e Terena apareciam integradas, levada a cabo por Maria Jesus Viguera, da Universidade Complutense de Madrid.

A investigadora, no entanto, limitou-se exclusivamente ao texto de Ibn Sa‘îd, não tendo explorado, no relativo às informações de cariz prosopográfico, as referências subsidiárias que aparecem indicadas no respectivo aparato crítico da edição que usou<sup>31</sup>, e que é a mesma que temos entre mãos.

### VIII. 1. - *Abû Zakariya Muhammad ibn Zakî al-Jullumânî*

#### Juromenha > Lisboa > Toledo > Lisboa (Sécs. V h. / XI d.C.)

Sabe-se muito pouco sobre este poeta de Juromenha, pois toda a informação que existe sobre ele provém unicamente da obra *Al-Mushib* de al-Hijârî, entretanto perdida<sup>32</sup>, informação de que Ibn Sa‘îd foi o depositário. Mais nenhuma fonte árabe nos fala dele.

Abû Zakariya Muhammad ibn Zakî al-Jullumânî ostenta na sua *nisba*<sup>33</sup> a referência clara ao seu lugar de origem: al-Jullumânî ou seja “o de Jullumâniya > o de Juromenha”.

Foi, em algum momento da sua vida estabelecer-se em Lisboa, tendo passado a ser o seu local de residência. Não o seria de forma permanente, pois tratava-se de um poeta errante, que percorreu diversas regiões da Península, aliás como muitos outros poetas andalusis deste período, que deambulavam de corte em corte, em busca de protecção da parte de um monarca generoso.

Assim, sobrevivia conseguindo o seu sustento através da poesia que compunha e dedicava aos poderosos, principalmente os monarcas.

Escreveu uma *qasîda* (um dos géneros clássicos da poesia árabe) dedicada a

---

mas já publicámos também, e de forma integral, o relativo a todo o espaço português, v. António Rei, “O «Gharb al-Andalus» em dois geógrafos árabes do século VII / XIII: Yâqût al-Hamâwî e Ibn Sa‘îd al-Maghribî”, *Medievalista on line*, ano 1, nº1 (2005) IEM / FCSH – UNL, 22 pp. (> [www.fcsch.unl.pt/iem/medievalista/PDF](http://www.fcsch.unl.pt/iem/medievalista/PDF))

<sup>31</sup> Maria Jesus Viguera, “El «Reino» de Badajoz en el *Mughrib* de Ibn Sa‘îd”, *Bataliús II - Nuevos estudios sobre el Reino Taifa*, Madrid, Letrúmero, 1999, pp. 225-248.

<sup>32</sup> Sobre este autor e sobre a sua obra desaparecida, cf. Francisco Pons Boigues, *Ensayo bibliográfico sobre los historiadores y geógrafos arabigo-españoles*, 2ª ed., Amsterdão, Philo Press, 1972 (1ª. ed., Madrid, 1898), pp.221-223.

<sup>33</sup> *Nisba*: “adjectivo patronímico ou de procedência”, cf. Federico Corriente, *Diccionario Árabe-Español*, 2ª ed., Madrid, Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 1986, p. 756.

Abû-l-Hassan Yahyâ *al-Ma'mûn*, soberano de Toledo que reinou entre 1043 e 1075<sup>34</sup>.

É possível, portanto, que Abû Zakariya tenha residido, em algum momento, do reinado deste monarca, na cidade de Toledo, e que tenha buscado a protecção do mesmo *al-Ma'mûn*, através daquele poema laudatório.

Desconhecem-se quer a data do seu nascimento de Abû Zakariya quer a do seu falecimento. A única informação cronológica que nos ajuda a situar a sua vida é aquele poema oferecido aquele monarca que reinou entre aquelas datas.

No entanto, a partir das datas atrás referidas, as dos limites de reinado de al-Ma'mun, as únicas que se conhecem para se tentar situar a sua existência, aventamos que a mesma terá decorrido aproximadamente entre 1030 e 1090. De qualquer forma, a sua vida terá, no entanto, decorrido seguramente no século V h. / XI d.C.

Podemos concluir, dizendo que, apesar da dimensão modesta da povoação de Juromenha de então, as luzes da cultura hispano-árabe também cintilaram entre o Lucefece e o Guadiana.

---

<sup>34</sup> Rachel Arié, “Espana Musulmana (Siglos VIII-XV)”, *Historia de Espana* dir. M. Tuñon de Lara, Barcelona, Labor, 1984, p.504.